

# SOBRINHAS DE ZORA E O EPISTEMICÍDIO PRECOCE COMO POLÍTICA DE SEGREGAÇÃO NA UFMG: RELATO DE UMA ALUNA NÃO BINÁRIE<sup>1</sup>

## *Zora's Nieces and Early Epistemicide as a Segregation Policy at UFMG: Report from a Non-Binary Student*

**Resumo:** O meio acadêmico é um espaço de disputa que até hoje possui suas próprias ferramentas para controlar os perfis de pessoas que poderão frequentá-lo. Tendo isto em vista, este artigo propõe discutir os elementos que compõem a segregação sociorracial no meio universitário da UFMG e que culmina num processo de epistemicídio dentro do meio acadêmico. A discussão terá como fundamento um relato que parte de minha perspectiva como estudante da universidade e em artigos que tratam sobre marcadores raciais e sociais, branquitude e gramáticas emocionais. Também me debruçarei sobre os aspectos socioeconômicos e o modo como isto inicia um processo que define as relações sociais e ocasiona segregação na universidade tanto com relação às relações alune-alune quanto de alune-professor. Culminando em uma menor quantidade de oportunidades para todas aquelas que já iniciam na academia tendo que lidar com atribuições de ordens diversas.

**Abstract:** *The academic world is a space of dispute that to this day has its own tools to control the profiles of people who can attend it. With this in mind, this article proposes to discuss the elements that make up socio-racial segregation in the university environment at UFMG and which culminates in a process of epistemicide within the academic environment. The discussion will be based on a report that starts from my perspective as a university student and on articles that deal with racial and social markers, whiteness and emotional grammars. I will also focus on socioeconomic aspects and the way in which this initiates a process that defines social relations and causes segregation at the university both in relation to student-student and student-professor relationships. Culminating in a smaller number of opportunities for all those who are already starting out at the academy, having to deal with tribulations of different orders.*

## INTRODUÇÃO

Zora Neale Hurston, este é o principal nome de todo este artigo e, como tal, muito do que será discutido ao longo deste trabalho tem sua influência. Zora é uma das autoras que pode servir como ponto de virada no que a produção científica realmente significa para mim e sobre quão amplo é este conceito. Em seu currículo, podemos encontrar etnografia, filmagem, escrita e tantas outras formas de produção de conhecimento, todas com seu próprio estilo e forma, sempre fiel a suas crenças. Mas, ainda assim, foi recusada por seus pares enquanto ainda viva e esquecida no curso da história da antropologia. O processo conhecido como epistemicídio, definido por Sueli Carneiro em Dispositivo de racialidade (2023):

Para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, o epistemicídio implica um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo a de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e pelo rebaixamento da sua capacidade cognitiva; pela carência material e/ou pelo comprometimento da sua autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos

povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento considerado legítimo ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado, sequestrando a própria capacidade de aprender. É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que, em outros casos, lhe é imposta. Sendo um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o epistemicídio se efetiva, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores racialmente, como uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade e que visa o controle de mentes e corações (Carneiro, 2023, p. 83-84).

No começo do século XX, momento da história em que ela viveu, bastava que as obras que escrevesse não fossem publicadas ou que ela não obtivesse fundos para financiamento de sua pesquisa para que sua produção fosse perdida. No caso de Zora os questionamentos acerca de seu trabalho tiveram como base uma questão de gênero e raça, era impensável que uma mulher negra pudesse ocupar o mesmo espaço que um intelectual branco. As restrições e questionamentos impostos à sua obra se basearam tanto na origem dos financiamentos que recebeu para a pesquisa, o que nunca foi problema para

Guilherme Henrique Silva Santos Graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

**Contato**  
guihenrique200@yahoo.com

**Palavras-chave:**  
Zora; segregação; UFMG; gramática relacional; racismo institucional; epistemicídio.

**Keywords:**  
Zora; segregation; UFMG; relational grammar; institutional racism; epistemicide.

**1** A linguagem utilizada será neutra a fim de melhor abranger os estudantes.

**2** Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.

**3** Lei nº 10.260, de 12 de julho de 2001.

**4** Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005.

pesquisadores que foram seus contemporâneos, quanto na sua forma de expressão que remete à sua origem negra e ressalta sua cultura. Vale ressaltar que, embora ela tenha sido renegada pela comunidade científica, ela nunca foi abandonada por sua comunidade até o fim de sua vida, como bem descreve Alice Walker (2019) em seu trabalho.

Porém, com o avanço da tecnologia e dos meios de comunicação, esse processo logo se tornaria obsoleto e não seria mais possível manter o monopólio do conhecimento produzido. Foi necessário que esse processo se adaptasse e, com o passar dos anos, o epistemicídio se aprimorou, se tornou um movimento articulado e institucional. Seus elementos passaram a ser instaurados de modo mais precoce, ainda na formação acadêmica dos pesquisadores; logo, todas as pessoas que não pertencem à classe hegemônica e desejam contar suas histórias sofrem com tais elementos. A partir desses novos mecanismos, todas as pessoas não brancas e socialmente marginalizadas são todas conectadas pelas mazelas e violências no meio acadêmico.

Apesar disso, essa conexão que visava rebair indivíduos possibilitou a formação de laços e comunidades que, unidas por suas trajetórias tão semelhantes, descobrem e resgatam personagens que se tornam símbolos de mudança e revolução. Posso dizer que Zora é quem realmente me tensiona para romper com toda a tradição de escrita acadêmica e sem receios ao escrever um texto autoral em conteúdo, metodologia e forma. Se ainda nos anos 30 ela já estava fazendo este movimento de ruptura e expandindo todos os limites do que pesquisar significa, não posso continuar seguindo o cânone estabelecido após conhecer um pouco de sua trajetória.

Somos herdeiros de Zora, resta-nos apenas fazer o que Alice Walker (1944–atualmente) fez ao reviver o trabalho de Zora Hurston (1891–1960), e retomar aquelas que nos precederam e foram silenciadas. Em tentativas de trazer justiça e prestígio àquelas que nos permitiram ter essa abertura para lutar politicamente no meio acadêmico. Ocupar e reivindicar espaços é algo que se apresenta como inevitável após se atentar ao modo como as relações se estabelecem ao passo em que denunciamos toda a estrutura de poder e coerção que cerca a produção de conhecimento.

## DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

Antes de iniciar a discussão acerca dos métodos e consequências que ocasionam na forma atual do epistemicídio, acredito que seja necessário apontar o processo de transformação do ambiente universitário. No início dos anos 2000, inicia-se um processo de democratização do ensino superior com vistas a uma ascensão do país tanto no âmbito econômico quanto no de produção de conhecimento. Rosana Heringer aponta em seu artigo *Democratização da educação superior no Brasil: das metas de inclusão ao sucesso acadêmico* (2018) as diversas medidas que foram tomadas ao longo dos anos, tais como a

criação e expansão das universidades e Institutos Federais<sup>2</sup> (IF), além da ampliação do Fundo de Financiamento Estudantil<sup>3</sup> (FIES) e a criação do Programa Universidade para Todos<sup>4</sup> (ProUni) em 2005. Isto abriu as portas para uma nova fatia da população que antes acabava tendo sua educação restrita, na melhor das hipóteses, à conclusão do ensino médio.

A implementação das políticas de cotas ampliou a velocidade de mudança e logo se tornou uma realidade nacional. Estas variam entre diversos aspectos sendo as reservas de vagas mais comuns as que eram direcionadas a estudantes de escolas públicas, cotas raciais voltadas à população não branca, cotas econômicas e, por fim, cotas para PCDs, ou seja, pessoas com deficiência. A Academia passa então a apresentar uma diversidade real no perfil dos estudantes que se matricularam. Essas mudanças possibilitaram mudanças consideráveis nas possibilidades da população menos privilegiada: o sonho da mudança de vida através da educação se tornava possível.

Foi devido a esse processo que consegui ingressar em uma universidade pública no ano de 2018, a política de cotas voltadas às pessoas de baixa renda e provenientes de escolas públicas foi o que me permitiu vislumbrar uma possibilidade real de ter acesso ao ensino de qualidade pela primeira vez. Sem isso, seria impensável pensar que uma aluna não binária, parda/preta, de classe social e econômica baixa pudesse realmente pleitear uma vaga em uma universidade tão concorrida e renomada como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Sabemos que apenas as cotas não são suficientes para suprir toda a carência que uma vida sem privilégios oriundos de raça e fatores econômicos possibilitam, mas foi o suficiente para que a esperança de um futuro melhor pudesse existir.

Este foi um processo longo com avanços graduais que duraram anos devido à resistência encontrada. As principais delas foram a inversão narrativa e as alegações de favorecimento a determinados grupos. A primeira delas é algo que Grada Kilomba (1968–atualmente) volta sua discussão em *Memórias da plantação* (2019), segundo ela, ao modificar o foco da discussão para a questão dos indivíduos que seriam alvos dessas políticas, aqueles que desejavam manter o status vigente podiam questionar suas reais capacidades e imputar sobre eles dúvidas acerca de merecimento. A segunda alegação para a resistência se entrelaça com a primeira de modo intercambiável, sendo responsável por questionar a lisura de todo este processo. Tal medida não era vista como uma tentativa de equidade ou igualdade e sim como uma nova forma de politicagem para angariar o apoio popular através da concessão de privilégios.

Apesar disso, alguns cursos continuam sendo compostos majoritariamente por estes grupos hegemônicos, principalmente devido à elevada nota necessária para obter uma vaga. Nestes casos, a diversidade das turmas acaba se resumindo às vagas reservadas pelas ações afirmativas.

Fato que, por si só, já impõe barreiras à integração destas pessoas à turma e pode ocasionar uma segregação desde os primeiros momentos do curso. Tal situação invariavelmente se torna uma bola de neve e é isolada cada vez mais. Esse fenômeno, assim como todos os demais processos aqui descritos, provavelmente pode ser encontrado em inúmeras instituições ao longo do país, possivelmente em quase todas elas, visto que a diversidade racial é algo nacional e a desconfiança em torno das políticas públicas de democratização dos espaços acadêmicos é geral.

Entretanto, a fim de não comprometer este artigo ao expandir demais o seu domínio, o restringirei à realidade contida no interior da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Seus arredores e comunidade discente também serão incluídas no artigo devido a ter, ao longo de seu texto, uma parte relatorial a partir de minha própria vivência universitária e comunhão de espaços com estudantes em situações similares às que serão abordadas.

## DESAFIOS PARA PERMANÊNCIA

Apesar das novas oportunidades de adentrar o meio acadêmico, isto não é o suficiente para garantir a permanência dentro das universidades. A adaptação ao novo ambiente pode gerar um isolamento muito grande, devido a súbita mudança no grau de responsabilidade e sociabilidade exigidos, visto que boa parte dos estudantes vem de outras cidades e estados. A questão financeira também sempre se faz presente, pois o custo de vida nas proximidades da universidade é consideravelmente elevado, dificultando morar nos arredores do campus. Tendo essas problemáticas em vista, outras medidas são necessárias para tentar garantir minimamente uma perspectiva de futuro e contornar problemas diversos.

Nesse aspecto, a UFMG busca mitigar tais problemas com a existência da Fundação Mendes Pimentel (Fump), uma empresa privada responsável pela assistência estudantil. As assistências são de diversos tipos, tais como bolsas de auxílio financeiro, auxílio manutenção, vale-transporte e redução no valor pago no Restaurante Universitário, dentre outras, além de atendimento médico, psicológico e social. Há ainda, para aqueles em maior vulnerabilidade econômica, a possibilidade de ingresso à moradia universitária, alojamentos gratuitos que são divididos com outros estudantes em situações semelhantes.

Entretanto, os valores destinados a esses programas e bolsas não mudaram na última década e, em determinados momentos, esteve sob ameaça de redução. Paralelo a isso, o custo de vida na capital se elevou muito nos últimos anos, em uma velocidade ainda maior do que o salário mínimo. Para a fatia dos alunos que possuía uma vida econômica mais estável, ou melhor estabelecida, essa mudança não implicou em alterações significativas no modo de vida ou planos para o futuro, mas aumentou a disparidade entre o custo de manutenção e o valor das bolsas de auxílio. Obter novas fontes de renda tornou-se neces-

sário à sobrevivência. Considerando que esses alunos muitas vezes não possuem algum tipo de curso técnico ou disponibilidade para uma jornada tradicional, invariavelmente isto lhes lança em uma parte mais informal do mercado de trabalho, *freelance*<sup>5</sup> por exemplo, em condições precárias de trabalho.

Existem outras opções para se obter recursos financeiros, como vagas em projetos, iniciação científica ou mesmo trabalhar em alguma das bibliotecas do campus. Entretanto, são coisas que normalmente estão fora da alçada de boa parte das pessoas que estão sendo o foco destes escritos. A concorrência é grande e normalmente o currículo pregresso ao ingresso na faculdade se mostra como algo determinante para definir a ocupação das vagas. Não que isto por si só seja uma barreira intransponível, visto que essas pessoas que adentram a universidade não o fizeram à toa e sim com base em méritos e capacidades, mas é um impeditivo comum para conseguir se estabelecer nesse meio.

Deve-se ter em mente que esses programas são remunerados e que, assim como no caso das bolsas da assistência estudantil, ficaram anos com os valores estagnados, sendo apenas atualizados recentemente, no dia dez de abril do ano passado (10/04/2023), após dez anos sem qualquer mudança, como podemos constatar no artigo *Bolsas da Capes e do CNPq devem ter reajuste ainda em janeiro (2023)* de Heloisa Cristaldo para a Agência Brasil. A principal alteração diz respeito à atualização das bolsas que passaram de R\$ 400,00 (quatrocentos reais) para R\$ 700,00 (setecentos reais), um aumento considerável, mas que não é nem de perto o suficiente para prover algum tipo de segurança financeira ou tranquilidade para o estudante.

A busca desesperada por medidas para se manter na universidade gera preocupações antes e depois de se candidatar a uma vaga de algum programa. A exigência de uma disponibilidade de tempo tão grande já limita bastante a quantidade de candidaturas, mas a possibilidade de ter uma demanda de tarefas muito maior do que seria razoável para o valor pago pelas bolsas é algo ainda mais gritante. Além do mais, existem demandas e serviços que se tornam imprescindíveis para poder se manter na universidade tais como o atendimento psicoterapêutico. Em decorrência disso, a insegurança econômica se faz presente e começa a cobrar seu preço na saúde mental dos estudantes. Esta realidade acarreta em problemáticas distintas e na qual os indivíduos devem ocasionalmente escolher entre: *burnout*<sup>6</sup>, conviver com ausência de oportunidades ou negligenciar seu curso.

A primeira das opções seria optar pela exaustão e todos os problemas de saúde que isso acarreta ao longo do tempo. É o acúmulo de funções dentro e fora da universidade em um nível além dos próprios limites. Encontrar meios de conciliar faculdade com algum trabalho externo ou programa dentro da universidade que tenha alguma relação com a área de estudo (iniciações científicas, estágios, etc.), embora esta seja uma característi-

**5** Freelancer é quem trabalha por oportunidade – cada trabalho é atendido eventualmente, e o profissional não mantém relação de trabalho fixa com ninguém. A remuneração ocorre a cada trabalho.

**6** Distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade.

ca que nem sempre é possível cumprir.

A segunda opção se constitui na ausência de oportunidades, materializa-se de um modo distinto onde a mediação é feita levando em conta apenas o trabalho assalariado e manter os estudos, mas que acabam não tendo contato com os projetos devido a incompatibilidade de horários. Ainda neste tópico, existe a alternativa de negligenciar o curso e atuar voltado apenas para a capacitação pessoal. A quantidade de matérias cursadas é mínima com vistas a apenas deter o número mínimo de horas no semestre apenas para conseguir manter o vínculo com a universidade, enquanto tenta se estabelecer profissionalmente na área. O trancamento de disciplinas também ocorre e o foco do semestre se torna conseguir se manter financeiramente através do trabalho.

Por fim, temos a opção de negligenciar o curso, mas esta não é uma escolha que se faz conscientemente. Ela não se caracteriza como algo independente, é consequência das outras duas de modo direto ou indireto. Ao escolher se manter através de alguma das outras duas formas também se escolhe esta e, ao fazê-lo, o objetivo de tantas dificuldades e violências é concluído. Resta apenas a sensação de ter fracassado em seus objetivos, mesmo que nunca tenham lhe dado oportunidades para realmente conseguir êxito neles.

O desgaste no ambiente estudantil e mercado de trabalho cobram seu preço ao longo de todo o período estudantil. O estresse universitário é comum ao ponto de já ter sido alvo de pesquisas que o relacionam com o índice de trancamentos de disciplinas, como no artigo *Trancamentos de Matrícula no Curso de Medicina da UFMG: Sintomas de Sofrimento Psíquico* (2016) escrito em conjunto por Maria das Graças Santos Ribeiro, Cristiane de Freitas Cunha e Cristina Gonçalves Alvim. Embora esse artigo seja referente a um curso específico, o curso de Medicina, pode ser facilmente replicado em quase todos os cursos da UFMG e obter conclusões semelhantes. Esse é um fato que já se tornou parte da realidade universitária devido à alta quantidade de casos deste tipo e, não à toa, é um pensamento comum na comunidade que conseguir se graduar no período regular é algo impensável.

Mesmo em casos mais tranquilos como o meu, em que obtive acesso à moradia no primeiro ano de universidade e fui contemplado com bolsas da Fump, como o auxílio permanência, e em outros momentos, com bolsas acadêmicas, como a bolsa do Programa de Iniciação Científica - Mestrado (PICMe), tive a necessidade de buscar outras fontes de rendas como prestar monitorias particulares ou fazer *freelancers* em bares e restaurantes. Essas bolsas foram o que me permitiram ter um foco muito maior na universidade do que outros que iniciaram em situações semelhantes, mas, ainda assim, é notável os danos que incorreram em minha saúde mental ao longo deste período pelo acúmulo de atividades. Ao passo em que entendo e busco escrever de um local diferente do usual para falar sobre

esta realidade, também é devido a ela que posso estar hoje escrevendo um artigo.

## UFMG E SAÚDE MENTAL

“Viver UFMG” é o lema da universidade e que, logo nos primeiros momentos da trajetória na instituição, é bradado aos quatro cantos. Em teoria, ele incentiva que exploremos ao máximo tudo que a universidade nos permite, que nos descubramos dos modos mais inesperados e maravilhosos possíveis, mas isto não se faz presente da realidade. Poucos são aqueles que realmente podem desfrutar da experiência universitária. Basta conviver por algum tempo com os alunos racialmente marcados da universidade e pode-se constatar que “Sobreviver à UFMG” seria um lema mais adequado à vivência de muitos deles. Todas as situações anteriores e outras violências sutis ferem profundamente nossa carne todos os dias, sobreviver é o máximo que muitos conseguem. Isto é, quando conseguem fazê-lo, pois até mesmo isto se mostra complicado.

Não à toa, a UFMG possui uma reputação dúbia para aqueles que a frequentam e que gera sensações distintas por serem tão opostas entre si, embora uma seja consequência direta da outra. Como divulgado pela própria instituição em seu site na matéria *UFMG consolida posição de melhor federal do país na avaliação do Inep (2024)*, a UFMG é notavelmente uma das melhores federais do país há muitos anos juntamente com a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com relação à excelência de seus cursos, mas também é um dos maiores “rolos compressores” do país no que tange à saúde mental. A dificuldade dos cursos e a exigência elevada tornam o estresse no campus algo surreal, especialmente no final do semestre com o acúmulo de atividades avaliativas em um curto período de tempo.

Apesar de contar com uma ala de psicologia para atendimento dos alunos, a demanda dos estudantes não é satisfeita de modo satisfatório. São poucos profissionais e uma quantidade muito grande de alunos requisitando atendimento, isso torna difícil manter um acompanhamento adequado e as questões levadas pelos estudantes não são solucionadas em sessão. A pouca diversidade de perfis também impõe barreiras à comunicação, não existem psicólogos negros dentro da Fump e isso inibe os alunos a falarem inúmeras questões por não sentirem que serão ouvidos ou compreendidos. A necessidade de profissionais que também tenham sentido na pele as mazelas que os estudantes sofrem é uma demanda de anos e que nunca foi sanada.

A ausência de representabilidade e acompanhamentos não satisfatórios deixa os alunos à mercê do que lhes ocorre na universidade. Essa problemática aliada com estudos que analisam a importância do acompanhamento psicológico para estudantes universitários, como o artigo *A experiência de estudantes sobre a atenção psicológica disponibilizada na universidade: um estudo fenomenológico* (2015) de Grasiela Gomide

de Souza e Vera Engler Cury, leva à conclusão direta de negligência da universidade. Com isso, existe um aumento grande de pessoas à beira de um colapso na universidade e que se encontram desamparadas pelos órgãos da instituição. O estresse se acumula até que não haja ponto de retorno.

Posso apontar ainda que, nos períodos finais de semestres e de proximidade da divulgação do ranking de melhores universidades no continente, os índices de tentativas de automutilação e extermínio aumentam consideravelmente nas dependências da moradia universitária. E, embora seja uma afirmação forte fazer essa correlação, é complicado dissociar estas duas coisas visto que ocorrem sempre no mesmo período. Ainda mais quando a universidade se movimenta ativamente a fim de abafar esses casos. Esses incidentes aparentam ser o preço que a universidade aceita pagar para manter seu prestígio acadêmico.

## READEQUAÇÃO SOCIAL E EXPRESSIVA

Ocupar este ambiente é uma eterna luta contra um sistema que constantemente reafirma que não há espaço para mudança. Ainda hoje ele se baseia e se mantém através da criação de uma emocionalidade negra que se entende como inferior e que deve abandonar suas origens para crescer. Em *Tornar-se Negro* (1990), de Neusa Santos Souza, existe uma série de relatos de pessoas negras acerca de suas vivências e sacrifícios que foram necessários para poderem ascender socialmente e conquistarem seu espaço no mundo. Segundo ela, existem duas estratégias possíveis a serem feitas: ser o melhor ou aceitar a mistificação. Esta última se divide ainda em três possibilidades: perder a cor, negar as tradições negras e não falar sobre o assunto. Mas independente do caminho tomado nunca será possível encontrar alguma satisfação, como relatado pouco a frente por Carmen:

O sentimento de rejeição existe. A nível de existência, no dia-a-dia. Depois que eu adquiri consciência, eu tentei me impor – pelo lado intelectual, que é um modo de competição. A gente tem duas opções pra não se sentir tão isolada: a gente se integra à comunidade negra – e eu já estou fora dela há muito tempo – ou se integra ao meio de dominância branca que não satisfaz. É um lugar onde tudo é uma prova, onde estão sempre te testando. Justamente por ser negro tem sempre a idéia de um merecimento por você estar ali. A gente sempre tem que ter uma justificativa pra dar, por estar nesse meio. E tem o teste pra ver se a gente continua merecendo. A exigência de ser o melhor é pra todo mundo, pra toda a sociedade, mas os negros são aqueles que têm que assimilar isto melhor (Souza, 1990, p. 66–67).

A exigência de perfeição como pré-requisito ao iniciar um novo projeto também não deve ser ignorada, é algo que sempre se faz presente nas relações seja de modo velado ou não. Em *O valor da branquidão: considerações sobre um debate*

*pouco explorado no Brasil* (2012), Luciana Alves aponta que o lugar da branquitude na produção acadêmica é um local que garante sucesso apesar de tudo, o direito à mediocridade é algo que é inerente às suas trajetórias. A adequação ao molde já estabelecido é extremamente natural e apenas acelera seu processo de inserção e crescimento.

Silva e Passos apontam em *Expressões da branquitude no ensino superior brasileiro* (2021) que, no cenário atual, o ponto de partida das pesquisas sempre se manifesta a partir do ponto de vista do humano universal, do homem branco em detrimento de quaisquer outras possibilidades. Em contrapartida, aqueles que não são contemplados com esta vantagem “natural” desenvolvem pesquisas que se afastam demais dos moldes vigentes e encontram resistências do meio acadêmico. Há também a necessidade de fazer um trabalho com um nível de complexidade maior do que os demais para poder progredir na produção acadêmica e ocupar estes espaços. Equilibrar isto com a necessidade de se adotar a linguagem que é tida como ideal diminuiu ainda mais as escassas oportunidades que surgem. A linguagem científica em boa parte dos casos não é familiar a essas pessoas e seu modo de produzir conhecimento, se tornando um fator que poda a liberdade criativa.

Não raro, pesquisas e projetos acabam tomando rumos completamente diferentes da ideia inicial, mas não devido a uma mudança de paradigma, objeto de pesquisa ou de foco, e sim por uma pressão do próprio meio, devido a falta de tempo ou insegurança sobre poder terminar o trabalho caso toque em algum ponto que não seja pertinente para quem o orienta/coordena. O receio de ser preterido por algum outro estudante com uma maior disponibilidade ou que esteja mais acostumado à forma como as coisas são usualmente tocadas no meio acadêmico, tanto em forma como em linguagem. Não existe uma autonomia real sobre os rumos da pesquisa e isso é algo que sempre paira na mente e que ambos, alune e professor, sabem que será utilizado caso seja necessário. Isso torna os alunes, futuros pesquisadores, em reféns de sua própria pesquisa, dando início a um ciclo que se repetirá inúmeras vezes ao longo de sua formação e trabalhos posteriores.

Permanecer neste espaço se torna complexo e é utilizado como meio para coibir uma conformidade em potenciais pesquisadores. Existe uma crença popular de que existe produção acadêmica suficiente sobre pessoas negras e marginalizadas, um erro crasso visto que a vasta maioria apenas se utiliza desta população como objeto de pesquisa e não possui profundidade. Como discutido por Cida Bento (1952–atualmente) em *Racialidade e produção de conhecimento* (2002), a literatura a respeito é um culto à superficialidade e pouco ou nada diz a respeito das vivências.

A atmosfera opressiva é algo que nunca podemos deixar de lado, assim como a certeza de que esta talvez seja a única forma de conseguir uma melhor perspectiva de vida futura. É deixar,

em nossos lares antecedentes à universidade, a atmosfera de terror que se manifesta inúmeras vezes na forma de uma violência física e ter na universidade a esperança de que ela possibilite vislumbrar alguma luz no fim do túnel. Trocamos uma violência por outra, a física pela afetiva e psicológica, acreditando que seja melhor viver sob as mazelas das novas violências que nos depa-ramos. Entretanto, viver sem estar sob o domínio da violência nunca foi uma opção real para pessoas marcadas socialmente.

Essa ideia é tão inerente às trajetórias que nos esquecemos que viver sob o medo constante é algo que somos ensinadas a aceitar desde a tenra idade e não conseguimos pensar como seria viver sem este peso sobre nossos ombros. Acabamos por ceder a essa fantasia criada socialmente, visto que desde cedo somos bombardeados com a ideia de que somos inferiores e, como tal, merecemos a realidade opressiva que vivemos.

Vivemos em busca de algo que vemos como essencial para prosseguirmos nossa trajetória. O que esta coisa é de fato, difere para cada um, entretanto, sua existência é inquestionável. Podemos até mesmo descobrir nesse processo que buscamos algo diferente do que tínhamos em mente inicialmente. Para tal, deixamos nossas comunidades, nossos lares, a vida como a conhecemos. Extrapolamos todas as muralhas que cercam nossa vida apenas para encontrar muralhas ainda maiores. Encaramos então a dura realidade de que não teremos lugar sem mudar, sem deixar de lado aquilo que nos trouxe até aqui. Pouco se fala de quão doloroso é esse processo de mudança, de como conseguir seu espaço nesse meio requer uma mutilação em sua essência, em um nível que nunca estaremos preparados.

O espaço se tornou acessível e, embora a universidade seja pública, não é de graça e nem será enquanto esse cenário se mantiver. "Faculdade se paga com dinheiro ou com a alma", não sou capaz de mensurar a quantidade de vezes que eu disse e escutei alguma variação desse lamento pelo campus. Até hoje não consigo dizer se é uma forma de mantra para continuar lidando com o meio em que se encontra ou se é apenas um desabafo que conseguimos facilmente nos relacionar e, por isso, se tornou tão popular. De todo modo, a única coisa da qual se pode ter certeza é que ela vai te expulsar assim que você não se encaixar mais nela.

Há de se salientar também a ausência de perspectiva de futuro na universidade. Em quase 6 anos de universidade (desde 2018), dentre todos os professores com os quais tive aulas, houve apenas um professor que não fosse branco, mesmo tendo aula em diversos prédios da UFMG (Icex<sup>7</sup>, DCC<sup>8</sup>, Fafich<sup>9</sup> e CAD 2<sup>10</sup> e CAD 3<sup>11</sup>). A mensagem é bem clara a respeito de para qual perfil de pessoas a universidade é entendida e a possibilidade de pessoas que não atendam a este padrão frequentarem a universidade não se restringe apenas aos alunos. Essa questão é uma consequência direta da ausência de possibilidades ainda durante a graduação, chegamos

então a um ciclo que se mantém há décadas. Afinal, de que modo seria possível almejar alcançar uma posição de tamanho prestígio se não somos instigados a crescer enquanto estamos nos graduando? E como poderíamos ser instigados se não encontramos docentes que possamos nos espelhar?

## EPISTEMICÍDIO EM SUA NOVA FORMA E PROCESSOS

Todas essas dificuldades impostas à população negra não são meras coincidências. Toda a exposição anterior acerca da forma como a realidade de pessoas socialmente e racialmente marcadas são os processos pelos quais o epistemicídio se estabelece atualmente. Cada uma delas caracteriza uma nova barreira que visa interromper o progresso que leva à produção de conhecimento e assassina brutalmente as diversas formas de expressão e culturas não hegemônicas. Não é necessário fazer conosco o que foi feito com Zora e nos silenciar após conseguirmos produzir, pois hoje já existe uma estrutura institucional bem articulada que impede que cresçamos. É uma política que visa manter o conhecimento restrito à elite. É a institucionalização do racismo acadêmico no sentido mais literal possível, como aponta a intelectual Mariléa de Almeida:

Inspirada por essas produções, defino racismo acadêmico como a maneira pela qual aspectos estruturais do racismo se expressam nos espaços acadêmicos, em especial nas universidades. Nesse sentido, o racismo acadêmico poder ser compreendido com uma tecnologia de poder cujas práticas de discriminação racial ocorrem de forma velada ou explícita. Esses atos fazem parte do funcionamento institucional que, no Brasil, historicamente se configurou como um espaço hegemonicamente branco e masculino. O racismo acadêmico materializa-se pelas escolhas epistemológicas, pela inexistência de um corpo discente e docente diverso em termos raciais e pela criação de entaves meritocráticos/burocráticos/financeiros que dificultam o acesso e/ou a permanência de pessoas não brancas, especialmente negras e indígenas, no espaço (Almeida, 2021, p. 99).

O racismo acadêmico impõe uma hierarquia muito clara entre os indivíduos e todas as relações dentro do ambiente universitário. A insegurança que tanto foi comentada antes se torna uma forma de terror que paira sobre todas as interações. Isso se inicia na relação com seus semelhantes através do receio de se atrelar ou, melhor dizendo, confirmar a ideia de todos os estereótipos negativos que a sociedade prega. bell hooks aponta com "Representações da branquitude na imaginação negra" em *Olhares negros: Raça e representação* (2019), o quanto os olhares são cruciais na linguagem e como por si só transmitem a mensagem de que este lugar não lhes pertence. Não há necessidade de se valer das palavras quando se tem em mãos um poder de coerção que atravessa um indivíduo.

Por vezes pode-se até obter uma anuência

7 Instituto de Ciências Exatas.

8 Departamento de Ciência da Computação.

9 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

10 Centro de Atividades Didáticas de Ciências Humanas.

11 Centro de Atividades Didáticas de Ciências Exatas.

verbal sobre sua presença naquele espaço, mas ela está sempre carregada de um olhar que fere e agride de um modo que talvez sequer fosse possível colocar em palavras. Não se sabe o que pode acontecer com sua pesquisa ou sua chance de obter possibilidades caso por ventura acabe dizendo ou fazendo algo que incomode alguém com poder dentro do departamento do qual se faz parte. Isso também permanece caso se consiga, apesar dos empecilhos, avançar para uma posição de poder/prestígio no futuro, visto a necessidade de manter uma boa relação com seus pares, afinal não se sabe quando esta pessoa será um companheiro de pesquisa ou projeto.

Entretanto, observando todas as situações que cercam o meio acadêmico, acredito que seja seguro poder dizer que esta estratégia de silenciamento se estabelece institucionalmente. Em uma forma de epistemicídio precoce, o racismo se estabelece desde os primeiros momentos de adesão à universidade e todas as situações e burocracias são apenas consequências. Estereótipos acerca da capacidade de pensar e sentir estão sempre como pano de fundo nas discussões acerca da possibilidade de pessoas não brancas produzirem conhecimentos e discorrer acerca de aspectos de sua vida que são tomados como conhecidos pela sociedade. Temos outro trecho em que Hurston destaca o cerne dessas situações:

Mas, para o bem-estar nacional, é urgente perceber que as minorias pensam, e pensam em algo além do problema racial. Que elas são muito humanas e, internamente, de acordo com o dom natural, são exatamente como todos os outros. Enquanto isso não for compreendido, deve permanecer aquele sentimento de diferença intransponível, e a diferença para o homem comum significa algo ruim. Se as pessoas fossem bem feitas, elas seriam exatamente como ele (Hurston, 2019, p. 106).

Retomando a trajetória de Zora e tudo o que lhe ocorreu ao tentar fugir das noções hegemônicas, podemos encontrar um paralelo bem direto com o que ocorre ainda no processo de formação dos estudantes. Ainda em O que os editores brancos não publicarão (2019), podemos ver como este silenciamento se dá após obter algum espaço e voz, a forma como o epistemicídio se estabelece para impedir a publicação de obras sob a justificativa de que a população não está preparada ou não possui interesse naquele conteúdo. Este processo se baseia em uma falta de interesse em conhecer sobre a vida dos outros, por entender que já se conhece tudo que é necessário a respeito de suas vidas.

O fato de não haver demanda por histórias incisivas e completas sobre os Negros, para além da condição de classe trabalhadora, é indicativo de algo de grande importância para esta nação. Este espaço em branco NÃO é preenchido pela ficção construída em torno dos Negros de classe alta, explorando o problema racial. Em vez disso, ele tende a apontar para cima. Um Negro escolarizado ainda não é uma pessoa como qualquer outra, mas apenas um problema mais ou menos interessante

(Hurston, 2019, p. 106).

“Coincidentemente” as únicas histórias com as quais a população não parece estar preparada para lidar são as que são produzidas por pessoas marcadas racialmente e classes sociais mais baixas ou obras que lhes concede protagonismo que vá além de sua dura realidade. O uso de aspas no início deste parágrafo se faz de modo mais do que adequado e necessário. Pessoas com nossa origem, sobrinhas de Zora, não passam de objeto de estudo para a comunidade acadêmica. É um epistemicídio precoce e que se retroalimenta a cada história que é interrompida. A naturalização e romantização das dificuldades da vida que se volta à pesquisa garante que o foco ao apontar quaisquer um destes pontos possa ser rapidamente convertido a um problema global e genérico. Não há necessidade de o ver sob uma ótica sociorracial. O silenciamento das situações garante sua manutenção e, logo, essa questão que deveria ser pauta em inúmeros debates se torna apenas mais um aspecto do que significa “Viver UFMG”.

### **ZORA NEALE HURSTON, UMA PIVÔ DE MUDANÇA E SEU LEGADO IMATERIAL**

Por fim, em contraposição a todo o tom de denúncia e desesperança tomado até aqui, desejo encerrar em uma nota positiva. Apesar de tudo o que foi dito acima e todas as demais razões que eu sequer conseguiria ser capaz de citar, ainda assim persistimos nesta ocupação de espaços e da Academia. No momento em que alguma de nós, sobrinhas de Zora, consegue perfurar esta bolha que separa estes mundos, outras pessoas conseguem acompanhá-las. As dificuldades aproximam as pessoas que passaram pelas mesmas questões e elas encontram alguém com quem podem contar nas dificuldades e comemorar as vitórias.

Por vezes, mesmo uma iniciativa sem pretensões de se tornar algo impactante é suficiente para mobilizar e dar esperanças a uma grande parcela de pessoas de que é possível existir neste meio sem se submeter à tradição hegemônica. A disciplina que deu origem a este texto, “Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston” (ministrada em 2023/2 na UFMG pelo docente Ruben Caixeta de Queiroz (responsável), em colaboração com as pós-graduandas (mestrado e doutorado pelo PPGAn/UFMG): Rafaela Rodrigues de Paula, Steffane Pereira Santos e Nicole Faria Batista), é um ótimo exemplo sobre como podemos ocupar estes espaços.

Existem razões para acreditar que pode ser melhor, herdamos isto não apenas de Zora, mas de todas que nos precederam e possibilitaram que tivéssemos lugar para escrever, falar e criar enquanto pessoas complexas que somos. Não sabemos quantas pessoas perdemos ao longo da história por fazerem algo semelhante ao que ela fez, mas aos poucos conseguiremos redescobrir todas elas. Até o atual momento não pudemos ter em sala tantas referências e diversidades quanto gostaríamos e precisávamos para que fôssemos a nossa versão completa, nossa versão

mais singular. Porém, podemos nos tornar essas referências para as próximas gerações de herdeiras e este talvez seja nosso maior legado.

“Eu sou sobrinha da senhorita Hurston” (Walker, 2021, p. 112). Eu não poderia deixar de citar neste trecho Alice Walker em *A procura de Zora Neale Hurston* (2021). Seus escritos sobre a sua busca por Zora a materializam como alguém que

nos é próxima e estimada. E, assim como Walker disse que era sobrinha de Zora e, após isso, viu e sentiu que era de certo modo verdade, acredito que esta sensação de proximidade se estabelecerá com todas que a conhecessem. Deste modo, não vejo meio melhor de encerrar isto do que com a frase que lhe abriu meios de encontrar Zora e reivindicar seu legado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Mariléa de. Racismo acadêmico e seus afetos. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 69, n. 2, p. 96–109, jul./dez. 2021.

ALVES, Luciana. O valor da brancura: considerações sobre um debate pouco explorado no Brasil. **CADERNOS Cenpec**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 29–46, dez. 2012.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Racialidade e produção de conhecimento. In: **Racismo no Brasil**. São Paulo: Peirópolis; ABONG, p. 45–50, 2002.

CARNEIRO, Sueli. Epistemicídio. In: **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CRISTALDO, Heloísa. Bolsas da Capes e do CNPq devem ter reajuste ainda em janeiro. **Agência Brasil**, Brasília, 19 jan. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-01/bolsas-da-capes-e-do-cnpq-devem-ter-reajuste-ainda-em-janeiro>.

HERINGER, Rosana. Democratização da educação superior no Brasil: das metas de inclusão ao sucesso acadêmico. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 7–17, jan./jun. 2018.

HOOKS, bell. Representações da branquitude na imaginação negra. In: **Olhares negros: Raça e representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019. p. 294–315.

HURSTON, Zora Neale; BASQUES, Messias. O que os editores brancos não publicarão (Tradução) / Zora Hurston e as luzes negras das Ciências Sociais (Texto de apresentação – Messias Basques). **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], v. 1, n. 1, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

RIBEIRO, Maria das Graças Santos; CUNHA, Cristiane de Freitas; ALVIM, Cristina Gonçalves. Trançamentos de Matrícula no Curso de Medicina da UFMG: Sintomas de Sofrimento Psíquico. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [s. l.], v. 40, n. 4, p. 583–590, out./dez. 2016.

SILVA, Priscila Elisabete da; PASSOS, Ana Helena. Expressões da branquitude no ensino superior brasileiro. **Revista Espaço Acadêmico**, [s. l.], v. 21, n. 230, p. 3–24, set./out. 2021.

SOUZA, Grasiela Gomide de; CURY, Vera Engler. A experiência de estudantes sobre a atenção psicológica disponibilizada na universidade: um estudo fenomenológico. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, [s. l.], v. 28, p. 221–239, abr. 2015.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

UFMG consolida posição de melhor federal do país na avaliação do Inep. **Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 4 abr. 2024. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ufmg-consolidada-posicao-de-melhor-federal-do-pais-na-avaliacao-do-inep>.

WALKER, Alice. *À procura de Zora Neale Hurston*. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021.